

**WALTER SCOTT – SEMPRE PRESENTE OU
DESCONHECIDO E ESQUECIDO?**



Walter Scott - Retrato pintado por Sir Henry Raeburn em 1822

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA
SOCIEDADE CIENTÍFICA**



Nimue, The Lady of the Lake, Edward Burne-Jones

Ao fazermos uma reflexão sobre Walter Scott surgem-nos inevitavelmente as perguntas se ele continua presente entre nós, se é o "grande desconhecido"² ou se já o esquecemos. Neste ensaio

¹ NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA - Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos, Investigadora Sénior do CECC, Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica, Presidente da Direcção de "Fulbrighters Portugal" e membro do Conselho Consultivo do Projecto Europeu "Educating for Global Peace". Entre as suas actividades académicas, destacam-se: a docência e a coordenação (Mestrado, Doutoramento e Pós-Graduação; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica e Projectos de Investigação). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta. Nos EUA, foi "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellow"; "Fulbright Scholar" e "Visiting Researcher" e ensinou nas Universidades de Georgetown e Fairfield. Organizou colóquios internacionais, proferiu conferências e publicou como co-editora: *As Humanidades e as Ciências—Dois Modos de Ver o Mundo* (2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (2011); *Nova Iorque-De Topos a Utopos* (2009) e *Landscapes of Memory* (2004) e como autora: *Intelectuais Públicas Portuguesas-As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácio e artigos em *Festschriften*, revistas, jornais e enciclopédias.

² Refiro-me ao título da obra de Edgar Johnson, *Sir Walter Scott: The Great Unknown*, New York: Macmillan, 1970.

em que, da sua vasta obra, iremos focar sobretudo o magnífico poema *The Lady of the Lake*³, procuraremos responder a essas interrogações e, a esse propósito, ocorrem-nos inevitavelmente as palavras de Paul Ricoeur⁴, quando ele nos diz que o passado pode ser frágil e inatingível ao contrário das obras que permanecem mesmo quando os seus autores há muito desapareceram. A produção literária de Scott não deve pois ser vista apenas como um vestígio do passado, pois faz-nos reflectir sobre a fragilidade da nossa vida actual e enfatiza a energia unificadora da imaginação.

Uma leitura atenta da obra leva-nos a uma compreensão da dinâmica cultural para a qual teóricos recentes chamaram a atenção. Refiro-me ao facto de uma cultura ser sobretudo composta pela migração de textos e artefactos do passado, não sendo a memória cultural algo que se possui, se transmite ou se mantém numa relação contínua com uma origem autêntica mas sim um caminho, um movimento, que produz constantemente novas configurações do material produzido no passado. Deste modo, o passado continua vivo, mesmo quando parece esquecido, pois está activo de novas maneiras e já não permanece estático mas emigra para novas zonas.

O próprio Scott, nos seus prefácios, fala-nos do tropo do inevitável apagar da memória mas não para lamentar antecipadamente o desaparecimento da sua escrita mas para imaginar a sua existência de modos muitos diferentes. Ele parece, assim, adivinhar o futuro e ter um sentido das migrações da memória cultural de que falamos hoje em dia. No âmbito de temas de reflexão actuais suscitados pela obra scottiana temos também o da invenção da tradição discutido por Eric Hobsbawn, na sua famosa obra *The Invention of Tradition*⁵, e que se aplica ao "mito" das Highlands e ao uso do *kilt* e dos diferentes *tartans* para os clãs e ao seu significado para a imagem da Escócia.

³ Uma versão diferente deste texto foi apresentada oralmente, em 9 de Janeiro de 2013, no "Ciclo de Leituras sobre Walter Scott" organizado pela Fundação das Casas de Alorna e Fronteira.

⁴ Em *Time and Narrative* (Chicago: University of Chicago Press, 1988), Paul Ricoeur afirma: "Nothing says that the present reduces to presence."

⁵ Eric Hobsbawn & Terence Ranger, ed. (1983). *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, pp. 1-14. (Trad. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23). Afirma que muitas vezes as tradições são inventadas por elites nacionais para justificar a existência e importância de suas respectivas nações.



Nesta nossa reflexão começaremos por fazer algumas referências à biografia de Scott e seguidamente falaremos da vasta obra e da sua recepção e tradução. Walter Scott (1771-1832) era descendente de um antigo clã escocês em que havia pastores e guerreiros, que actuavam na fronteira da Escócia com Inglaterra, região designada como Borders. O pai - que vivia em Edimburgo e era *Writer of the Signet*⁶ foi o primeiro a vir para a cidade. No início da carreira, Scott dedicou-se à poesia, pretendendo escrever a epopeia histórica dos seus antepassados, e as circunstâncias da sua vida foram propícias ao regresso às origens. Pois, muito jovem passou temporadas em casa dos avós que o influenciaram, estimulando a sua imaginação com relatos da história medieval escocesa e dos feitos realizados pelos seus antepassados. Foi, decerto, ao ouvi-los que começou a sua paixão pelos pormenores históricos e por dar às suas obras o realismo e a autenticidade que as caracterizam.

Obteve uma vasta cultura na Universidade de Edimburgo, onde estudou textos gregos e latinos⁷ – é evidente, p. e., a semelhança entre o poema *The Lady of the Lake* e a *Iliada* – embora, como ele próprio nos diz, estivesse especialmente interessado em voltar "às fontes celtas, bárbaras, escandinavas e misteriosas de Inglaterra, por oposição à cultura clássica da Antiguidade". Aprendeu também Francês, Italiano, Espanhol e, mais tarde, Alemão, o que lhe permitiu familiarizar-se com a literatura europeia. O seu interesse pelo passado levou-o a ler muitas narrativas históricas e a apreciar todos os tipos de antiguidades, tendo-se tornado famoso não apenas como escritor mas também como "antiquary", i. é., um

⁶ Designação usada na Escócia para um advogado que pertença à Society of Writers to Her Majesty's Signet, uma associação particular de solicitadores que data de 1594.

⁷ Sabemos que das suas leituras constavam Ariosto, Tasso, Boiardo e Ossian.

arqueólogo e estudioso da cultura popular. Viajou por toda a Escócia e pela sua amada região dos Borders, e viveu algum tempo nos Trossachs, em Stirlingshire, junto ao Loch Katrine, a paisagem que descreve em *The Lady of the Lake*.



Loch Katrine

Em 1811, comprou uma pequena quinta nas margens do rio Tweed, que se viria a transformar na famosa e imponente mansão conhecida como Abbotsford House, que ainda hoje podemos visitar, e onde escreveu muitas das suas obras e, ao longo dos anos, foi fazendo a sua colecção de antiguidades e acumulando cerca de 20.000 volumes na biblioteca. Abbotsford pode considerar-se como a representação concreta do romantismo, que ele ajudou a criar tanto na sua obra literária como nos jardins e no panorama envolvente - que delineou como um arquitecto paisagista - concorrendo para a celebração da paisagem que lhe inspirou, entre outros, o belo poema épico *The Lady of the Lake*.

Relativamente à sua obra, podemos afirmar que Scott foi o primeiro autor inglês a ter uma carreira internacional ainda em vida. O seu sucesso tornou-o o mais lido e admirado romancista da história literária e é de referir que, entre os escritores ingleses do período romântico, apenas Walter Scott e Jane Austen têm continuado a ser lidos e a ter reimpressões até hoje.

No início da sua carreira, Scott fez traduções e escreveu poemas⁸, romances⁹ e ensaios¹⁰ sobre crítica literária, história e biografia¹¹ que o tornaram famoso. Toda

⁸ Depois de, em 1802, ter tido grande sucesso ao publicar *Minstrelsy of the Scottish Border* decidiu fazer da literatura a sua profissão e seguiram-se-lhe os poemas *Marmion*, *The Lady of the Lake*, *Rokeby*, *The Lord of the Isles*, *The Vision of Don Roderick*, *The Bridal of Triermain*, *Harold the Dauntless*, e *The Field of Waterloo*.

a sua obra se distingue por, apesar de poder ser considerada realista, haver nela uma combinação de factos e de ficção, de história e de lenda, de realismo e de romance (no sentido inglês de história de amor e aventura), de prosa e de poesia que a distingue. Caracteriza-se também por ter "cor local" e marcas da cultura, da história e das paisagens escocesas, assim como do dialecto, que nos transmitem o *genius loci*, "o espírito do lugar", isto é, os aspectos únicos, distintivos e apreciados de um local, a presença forte da memória colectiva, o acumular de saberes e experiências, que definem cada território e que contribuem para o nacionalismo e autenticidade dos seus textos. Deve-se ao facto de Scott ser um excelente contador de histórias que as suas descrições (feitas quando não havia TV nem Internet) nos levem a locais maravilhosos e que as personagens fiquem na nossa memória.

Quanto à recepção da sua obra, Sir Walter ¹², devido às traduções de Goethe e de Bürger que fez, começou por ser considerado responsável pela introdução da literatura alemã no Reino Unido, seguidamente foi visto como o maior coleccionador de baladas, criador do romance histórico e incentivador do turismo e até do nacionalismo¹³, tendo inspirado escritores como R. L. Stevenson, Bulwer-Lytton, G. Eliot, e as irmãs Brontë e sido louvado e elogiado por Newman e Ruskin. Pode também ser descrito como uma verdadeira figura internacional pois o seu valor era reconhecido em toda a Europa assim como nos Estados Unidos e Brasil.

São múltiplos os estudos sobre recepção que, nos diversos países, comprovam a forma como a obra de Scott foi recebida e influenciou a produção artística - tal como sucedeu em Portugal com Alexandre Herculano e Almeida Garrett¹⁴. Em Itália¹⁵, inspirou romances, contos, pinturas, óperas, como a famosa *La*

⁹ Usou vários pseudónimos, tais como Jebediah Cleisbotham, Crystal Croftangry, Malachi Malagrowther, Lawrence Templeton e Captain Clutterbuck.

¹⁰ Publicou os ensaios nas revistas *Quarterly Review* e *Edinburgh Annual Register* que fundou.

¹¹ É famosa, p. e., *The Life of John Dryden*, a biografia que Scott escreveu em 1808.

¹² R. L. Stevenson, que apreciava a sua obra desde a infância e considerava *Rob Roy*: "the best novel of the greatest of all novelists" e, apesar de algumas críticas de Carlyle, foi louvado e elogiado por Newman e Ruskin e era muito apreciado pelo público em geral.

¹³ Para o qual também foi importante a sua actuação como membro da Speculative Society e Presidente da Royal Society e da Celtic Society de Edimburgo.

¹⁴ Em Espanha, os romancistas históricos também imitaram Scott (v. *El doncel de Don Enrique el Doliente* (1834) de Mariano José de Larra e *Ni rey ni roque* (1835) de Patricio de la Escosura).

Donna del Lago de Rossini, ballets e peças de teatro, contribuindo para definir novas tendências no gosto e servindo de modelos de comportamento que se tornaram fundamentais para a cultura romântica e para a construção da emergente identidade nacional.

Sabemos que influenciou Balzac, Dostoevsky, Flaubert, Tolstoy, Dumas e muitos outros e que a sua interpretação da história foi também apropriada pelos nacionalistas na Europa de Leste¹⁶. Em França, sentiu-se a sua influência através das traduções de Defauconpret, que serviram de base a versões portuguesas e também ao libreto da ópera de Rossini inspirada em *The Lady of the Lake*.

Nos nossos dias¹⁷, há um recrudescimento de interesse por Scott tanto mais que agora as suas obras estão acessíveis a uma nova geração de leitores nos *E-texts* ou *E-books*, como acontece com o projecto Gutenberg e o Walter Scott Digital Archive da Universidade de Edimburgo, facto que comprova que ele continua a ter leitores e a ser apreciado. A sua reputação evoluiu também devido a estudos inovadores¹⁸, que nos apresentam um Scott bastante diferente, assim como a recentes edições críticas baseadas nos manuscritos - e não nas obras "expurgadas" pelos editores de oitocentos - que demonstram a virtuosidade estilística do autor que antes tinha sido obscurecida.

Verificamos, portanto, que não temos de lamentar o desaparecimento do interesse por este escritor mas sim constatar que ele continua a existir mas de forma diferente e temos assim uma visão mais complexa de Scott nos nossos dias que nos faz compreender que ele estava a reagir à mudança na sociedade e a demonstrar a sua oposição à cultura dominante, temas afinal tão pós-modernos.

É difícil avaliar a amplitude da influência de Scott pois a sua obra foi reeditada e traduzida praticamente em todo o mundo e pode considerar-se que constitui o primeiro exemplo de literatura universal. Na América, teve uma excelente recepção

¹⁵ V. Michela Mancini, *Immaginando 'Ivanhoe'* (2007).

¹⁶ V. Murray Pittock, *The Reception of Sir Walter Scott in Europe* (2006).

¹⁷ Caroline McCracken-Flesher, *Possible Scotlands: Walter Scott and the Story of Tomorrow* (2005).

¹⁸ Ian Duncan, *Scott's Shadow: The Novel in Romantic Edinburgh* (2007), Andrew Lincoln, *Walter Scott and Modernity* (2007), Catherine Jones, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative* (2003), Stuart Kelly, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation* (2010) e Alison Lumsden, *Walter Scott and the Limits of Language* (2010), entre outros.

especialmente no Sul. Porém, os motivos para esse interesse vão para além da influência literária, pois muitos Sulistas eram descendentes de Escoceses¹⁹, e, por isso, identificavam-se com a imagem romântica pintada por Scott da valente Escócia em luta para exprimir a sua identidade cultural. A componente céltica estava também patente nos modos e nos ideais do velho Sul que, tal como os Highlands, em *The Lady of the Lake*, se batiam para reclamar a independência.

Como os Sulistas, também os leitores actuais da obra scottiana, decerto familiarizados com os temas e debates da teoria pós-colonial contemporânea²⁰ certamente os reconhecem na voz narrativa de Scott, o que justifica que continue a haver interesse em ler, estudar e reeditar²¹ a sua obra por nela se tratarem questões como a instabilidade política e a violência, que resultam da mistura dos povos e da fluidez das fronteiras, assuntos bem actuais.

Relativamente à divulgação que, nas suas obras, Scott fez da Escócia, é de referir que a sua "homeland" fica a norte da Grã-Bretanha e está dividida em duas partes, tanto geográfica como racial, linguística e culturalmente. A área norte é conhecida como Highlands e Islands (as Terras Altas e as Ilhas) e racicamente é celta. A língua nativa, o Gaélico, era de origem céltica mas, actualmente, é apenas falada por uma minoria. Até meados do século XVIII, a sua estrutura social era um sistema semitribal de clãs com chefes hereditários denominados *chieftains*. A cultura era oral e muito dela se perdeu ao longo do tempo. O traje tradicional era o *kilt*, feito de *tartans*. Muito desta região é de uma extrema beleza e foi destruído devido às guerras tribais, ao abandono e à negligência económica. Na metade sul e ocidental, denominada Lowlands, a população é de origem germânica, sempre falou Inglês e não tem o sistema de clãs.

A Escócia foi independente de Inglaterra até 1603, sendo as relações sempre hostis e havia um estado de guerra não oficial mas permanente e, finalmente, em 1707, devido ao *Act of Union* e passou a fazer parte da Grã-Bretanha. É inegável a

¹⁹ Os Escoceses tinham sido dos primeiros a emigrar para os EUA quando das revoltas contra os Ingleses.

²⁰ V. Kang-Yen Chiu, "Hospitality, nation and empire in Walter Scott's Waverley novels". Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Glasgow em que se fala de subalterno, zona de contacto, crioulização e nativismo vs. hibridismo.

²¹ Como sucede com a *Edinburgh Edition of the Waverley Novels*, que tanto tem contribuído para esta leitura mais complexa da obra scottiana.

importância de Scott para a Escócia pois as suas obras tiveram um papel crucial no apaziguamento das perturbadas relações entre as duas regiões quando da união com Inglaterra.

Com a publicação das suas obras, as lutas políticas passaram a fazer parte de um passado lendário e as paisagens escarpadas adquiriram uma beleza pitoresca. Por outro lado, o entusiasmo pela sua pintura romântica, como vimos, não ficou confinado à Grã-Bretanha pois os editores, os tradutores, os dramaturgos e os compositores tornaram a sua obra conhecida através de novas linguagens e meios. Uma verdadeira "Scottmania" lançou a Escócia para o topo dos itinerários de viagens e começaram a chegar multidões de turistas desejosos de visitar o país sobre o qual tinham lido e de adquirir souvenirs do autor.

Alguns estudiosos afirmam mesmo que Scott inventou uma nação – a *Scottland*²² – e forjou a sua identidade, contribuindo para o fim dos conflitos étnicos, religiosos e políticos de que nos fala em *The Lady of the Lake*.²³

Sendo o terceiro poema narrativo de Walter Scott, *The Lady of the Lake*²⁴ foi publicado em 1810 quando o autor estava no topo da sua carreira como poeta. Decorre nas margens e nas ilhas do Loch Katrine, onde Scott costumava passar férias com a família na fronteira entre as Terras Altas e as Terras Baixas, nos Trossachs e nos Highlands Ocidentais de Perthshire e em Stirling e decorre em meados de 1530. Foi já classificado como uma gesta heróica, subdividida em estrofes, 20 a 30 por cada canto, cada uma com cerca de vinte versos, num total de 4.500 versos, em octossílabos e decassílabos. Está dividido em seis cantos, que é a forma principal de divisão de um poema longo e épico, como *Os Lusíadas* (10 cantos) ou a *Divina Comédia* (100 cantos) e cada canto refere a acção de um dia. Contém também algumas baladas, cantos e romances, e uma oração, que inspirou a Schubert a sua

²² V. Stuart Kelly, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation*. Polygon, Birlinn Limited, 2010.

²³ Walter Scott, *The Lady of the Lake*, edited with Notes by William J. Rolfe, Boston, 1883. V. Penn State Electronic Classics Series Publications.

²⁴ *The Lady of the Lake* pode ser considerado uma continuação do anterior poema narrativo histórico *Marmion* (1808), que terminava com a Batalha de Flodden (1513) na qual James IV morreu.

famosa *Ave Maria*²⁵. Relata ainda cerimónias fúnebres, uma cena de tiro ao arco, a actividade de um profeta e um sonho²⁶. A este aspecto épico, junta-se ainda o elemento essencial do idílio amoroso.

É considerado poesia narrativa, ou seja, é um poema escrito em verso métrico que conta uma história, usando as vozes de um narrador e das diversas personagens, é dramático, tem objectivos claros e a forma de um romance em verso. A sua fama e encanto devem-se ao uso magistral da rima e às descrições, que evocam a beleza da paisagem através de uma narração excitante e de uma história em constante mutação. O ritmo do canto inicial "A Caça" patenteia o magnetismo da arte do contador de histórias, no qual se combina o mistério da identidade do rei, a intriga política centrada à volta de um quadrângulo amoroso, que associado com a magia e o sobrenatural, tornam a leitura do poema fascinante. O apelo das paisagens espectaculares, a intriga emocionante e uma complexa história de amor antecipam-se aos filmes em Technicolor pois congregam a atracção visual de uma narrativa sensacional relatada com a vivacidade e a intensidade do cinema. Embora cativados pelo romantismo do texto, os leitores também são atraídos por um certo pragmatismo, que lhe está subjacente ao referir os benefícios de a ordem substituir o caos, de um modo de vida antigo ceder lugar ao novo, de um passado que, embora familiar, é 'bárbaro' e, portanto, impossível de manter e deve ser substituído por uma ordem moderna. O poema de Scott agrada aos leitores ao longo do tempo porque sanciona a mudança histórica e é simbólico da inevitabilidade dessa mutação quando se olha para um futuro que, embora implique ajustamentos, traz consigo uma promessa de renovação e sustentabilidade.

Relativamente às fontes, o poema contém certos elementos que ocorreram na história escocesa, tais como a lenda do rei James V da Escócia viajar anonimamente entre os seus súbditos; o facto de vários reis escoceses terem lutado contra a dinastia Douglas e o Clã Alpine, que embora sendo um clã imaginário,

²⁵ A "Ave Maria" de Schubert, na verdade, originalmente, não tinha a letra do Ave Maria em Latim. Faz parte do *Liederzyklus vom Fräulein vom See* (ciclo de canções para a Dama do Lago), de Schubert (1825). A letra refere-se a *Ellens Gesang III* (A Terceira Canção de Ellen - Hino à Virgem) D 839: *Ave Maria! Jungfrau mild!* / "Ave Maria! doce donzela!"

²⁶ Ao lê-lo, nota-se a recorrência do número 3, o recurso constante à comparação, ao epíteto homérico, à metáfora e às suas variações.

representa o povo das Terras Altas e a sua luta pelo poder com a monarquia escocesa. O título, assim como a figura feminina, é inspirado na personagem "Viviane" do ciclo do rei Artur²⁷ mas a sua história é completamente diferente e tem a sua origem na famosa deusa da água celta.



Viviane, The Lady of the Lake

Quanto à localização, Loch Katrine é o centro do cenário do poema e Ellen's Isle é uma pequena ilha coberta de árvores, a área escura, à esquerda da ilha, é Coire nan Uruisgean (ou Coir-nan-Uriskin) e *Goblin-cave*, a caverna para onde Ellen Douglas e o pai fugiram. É neste local que Ellen canta a sua "Prayer to the Virgin", que se tornou o texto da *Ave Maria* de Schubert (*Ellen's Third Song: D839*).

No poema é dramatizada a luta entre o rei da Escócia, James V (1513-1542), e o poderoso clã Douglas no século XVI. O objectivo de Scott era - para além de descrever uma acção e um cenário espectaculares e de fazer uma caracterização psicologicamente perfeita das personagens - relatar a impiedosa inimizade entre as Terras Altas e as Terras Baixas. Conta também a história, que se tornou uma lenda, do jovem rei se disfarçar e enfrentar os clãs dos Borderers e dos Highlanders, chefiados por Rhoderick Dhu, que se aliaram na luta contra ele. Trata-se de uma espécie de *Íliada* escocesa, que começa com uma invocação à harpa que lembra a

²⁷ Trata-se do ciclo de Lancelot-Grail, da secção de Merlim, que Thomas Malory refere na sua obra *Le Morte d' Arthur*. Viviane é, de acordo com a lenda arturiana a mais importante sacerdotisa de Avalon.

invocação homérica à Musa²⁸. Segue-se-lhe a convocação do *aedo*²⁹, o menestrel encarregado de cantar as proezas cavaleirescas e os encantos da Dama, o Catálogo dos Heróis, que lembra o catálogo dos navios na *Ilíada*. Entre as personagens, os bardos³⁰ rivalizam em entusiasmo e coragem, o rei James, aliás Fitz-James, demonstra ser dotado das mesmas virtudes guerreiras que os seus adversários - como fica comprovado no combate contra Roderick - num frente a frente que lembra o de Aquiles e Heitor. Ellen Douglas, a Dama do Lago, fugiu com o pai, que está proscrito, por não ter querido juntar-se a Roderick Dhu na luta contra o rei James. Roderick Dhu, é o *chieftain* do Clã Alpine, que parte para a montanha com os seus guerreiros e ouve ao longe o som do harpista Allan-bane, que acompanha Ellen a cantar uma oração à Virgem, pedindo a sua ajuda.

Pode considerar-se que no poema há três enredos: o da luta entre três homens - Roderick Dhu, James Fitz-James e Malcolm Graeme - pelo amor de Ellen Douglas; o do feudo e da reconciliação do rei James V da Escócia com James Douglas e a guerra entre os Escoceses das Terras Baixas (liderados por James V) e os clãs das Highlands (dirigidos por Roderick Dhu)³¹.

Quando da publicação, os críticos foram tão entusiásticos como o público, louvando a forma como Scott tinha a arte rara de fazer a descrição pictórica da paisagem em poesia, revelando montanhas, vales (*glens*) e lagos (*loch*) que antes

²⁸ *Harp of the North that mouldering long hast hung/On the witch-elm that shades Saint Fillian's spring ... O Minstrel Harp, still must thine accents sleep.//*"Harpa do Norte! Tu que por longo espaço jazeste ociosa colmada de preguiçoso pó, e suspensa ao olmo mágico, do qual a sombra propicia e ramosa [coroa, com fresco amparo, a fonte sempre amiga de S. Filian...Harpa do Menestrel! Tuas vibrantes cordas deverão por ventura quedar em eterno descanso.

²⁹ *Aedo*, na Grécia antiga, era o cantor que apresentava as suas composições religiosas ou épicas, acompanhando-se ao som da cítara. Orfeu é o mais conhecido dos *aedos*.

³⁰ Os chefes das Highlands tinham ao seu serviço um bardo que relatava os feitos da família.

³¹ As personagens são: James Fitz-James, o cavaleiro de Snowdoun³¹, rei James V da Escócia, a viajar incógnito; Ellen Douglas, filha de James Douglas; James Douglas, antes *Earl of Bothwell*, tutor do jovem rei e agora exilado como um inimigo; Allan Bane, um bardo; Roderick Dhu, o chefe do Clã Alpine, expulso por ter cometido um homicídio na corte; *Lady Margaret*, mãe de Roderick Dhu; Malcolm Graeme³¹, um jovem chefe das Terras Altas e antigo cortezão do rei James, que ama Ellen; Brian, o eremita, um profeta druida; Duncan, um membro do Clã Alpine que morreu; Angus, filho de Duncan; Norman, um noivo e membro do Clã Alpine; Mary, a noiva de Norman; Blanche of Devan, uma Escocesa das Terras Baixas, cujo noivo foi assassinado no dia do casamento pelos homens do Clã Alpine, e que, por isso, enlouqueceu.

eram desconhecidos³². Com 25.000 exemplares esgotados em 8 meses, na Escócia, em Inglaterra e na Europa, *The Lady of the Lake* bateu todos os records de venda de poesia e teve imediatamente uma enorme celebridade³³. Devido ao elemento da "cor local", o poema criou uma voga de turismo para Loch Katrine e para os Trossachs que se mantém até hoje³⁴.

O sucesso do poema espalhou a fama³⁵ de Scott por toda a Europa³⁶ e a sua influência e impacto chegou até à América. Pode dizer-se que, para além de fazer sensação na sua época, se transformou num *bestseller* universal, assegurando a Scott um lugar cimeiro na história literária.

Scott pode ser considerado como o maior escritor da sua época por ter cativado a imaginação romântica de todo o mundo mas a sua influência não se restringe apenas à literatura pois, no campo da música, inspirou múltiplas óperas e detecta-se até em raças de cães (como o Dandie Dinmont Terrier), estações de comboios (como Waverley Station em Edimburgo) e padrões de *tricot*, que foram baptizados com nomes dos seus livros ou personagens.

É inegável que o autor de *The Lady of the Lake* contribuiu³⁷ para lançar as Highlands como destino turístico. Foi devido à influência dessa obra que passou a

³² O lago Katrine que antes era visitado por 50 ou 60 carruagens por ano; nos primeiros seis meses depois da publicação de *The Lady of the Lake*, esses números subiram para 297...

³³ Houve, contudo, também críticas negativas de outros autores, como Coleridge, que o considerou fastidioso e aborrecido, Byron que, igualmente severo, fala de "musa prostituída" e de Stendhal que, na sua *Vie de Rossini*, o considera um "mau poema". Porém, estas críticas negativas não impediram a admiração generalizada pelo poema nem suscitaram qualquer indignação a Scott.

³⁴ Nos nossos dias, temos: o texto na íntegra (Walter Scott, *The Lady of The Lake*, edited with Notes by William J. Rolfe, Boston, 1883) no site *Penn State Electronic Classics Series Publications*. Acesso internet <http://www.gutenberg.org/files/3011/3011-htm#21>- e *The Lady of the Lake*, ed. Thomas Crawford, Glasgow: Association of Scottish Literary Studies, 2010. Nova edição realizada para marcar os 200 anos da publicação do poema com ilustrações da grande artista escocesa Linda Farquharson e com inúmeras notas.

³⁵ A fama de Scott tinha agora alcançado um nível tão alto que o editor Constable pode encomendar um retrato do poeta ao famoso pintor Sir Henry Raeburn de que incluímos acima uma reprodução.

³⁶ Em França, foi traduzido pelo célebre Defauconpret³⁶, cujas traduções contribuíram para a notoriedade e a divulgação na Europa daquele que designou como "le magicien du Nord". As suas traduções seguem o modelo francês que designa como "la belle infidèle" o que lhe permite assimilar o texto original - ou fonte - à cultura que o recebe no "texto resultante".

³⁷ *The Lady of the Lake* transformou o turismo escocês trazendo milhares de leitores ao Norte para verem as paisagens celebradas no poema e contribuiu para a criação da indústria

estar na moda visitar os Trossachs³⁸. Trata-se de uma herança cultural, tema que, aliás, tanto interessava a Walter Scott³⁹. Consequentemente, em 2010, para comemorar os 200 anos da 1ª edição do poema, foi organizado um programa intitulado "Scotland", que incluía debates sobre Scott e o seu legado à Escócia e, entre outros acontecimentos, foi representada a peça *The Chase*, inspirada no 1º canto de *The Lady of the Lake*.

Nos Estados Unidos, no campo literário, entre outros, houve o evidente caso de recepção e de influência de Fenimore Cooper, que já foi designado como o Scott americano⁴⁰. Há, porém, dois aspectos de influência directa do poema que são menos conhecidos como o da Cruz de Fogo - adoptada pela Ku Klux Klan – e o hino presidencial americano *Hail to the Chief*.

A propósito de *The Fiery Cross*, Scott diz que quando um *chieftain* queria congrega o seu clã para uma emergência, matava uma cabra e fazia uma cruz de madeira a cujas extremidades deitava fogo e que depois apagava no sangue do animal. Chamava-se a esta cruz *Fiery Cross*, *Crean Tarigh*, ou Cruz da Vergonha, porque desobedecer à chamada significava infâmia. A cruz era transportada por um mensageiro e quem recebia o símbolo tinha de o passar a outrem até todos terem sido avisados, formando-se assim uma força de combate. Quem a recebia e não se apresentava era castigado com fogo.

Quanto ao hino "Hail to the Chief"

"Hail to the chief who in triumph advances!
Honoured and blessed be the ever-green Pine!
Long may the tree, in his banner that glances,
Flourish the shelter and grace of our line!"

dos gravadores de imagens e da cenografia teatral dedicada a ilustrar e adaptar as obras de Scott.

³⁸ Nos USA, W. E. B. Du Bois (1868-1963) no seu discurso, em 1926, afirmou que tinha aprendido de cor o poema na escola e que: "In after life once it was my privilege to see the lake."

³⁹ Ao lermos a descrição de Edimburgo em *The Heart of the Midlothian* e ao passearmos na cidade hoje em dia, verificamos que o nome do autor e a sua imagem estão por todo o lado - desde o seu magnífico monumento às notas de 5 £ e aos selos.

⁴⁰ Nas suas famosas obras *The Last of the Mohicans* (1826) e *The Prairie* (1827), publicadas ainda em vida de Scott, Cooper fala do desenvolvimento da identidade americana e do facto de, além de incorporar elementos da cavalaria feudal, revelar capacidade de sobrevivência que herdou dos seus antepassados escoceses.

trata-se de uma marcha associada com o Presidente dos EUA que é tocada quando da sua chegada em todos os eventos oficiais. Poucos sabem que a origem da música é o poema *The Lady of the Lake*⁴¹ e que o compositor usou as palavras da canção "The Boat Song" dedicada ao "Chief" Roderick Dhu da Stanza XIX do 2º Canto. A história teve um impacto especial na América durante a Guerra de 1812 contra os Ingleses porque explora conflitos de valores, embora reconheça os aspectos bons e maus de cada um dos sistemas em luta e o hino "Hail to the Chief" ficou associado com um governante em 1815, quando tocaram a música⁴² para honrar tanto o falecido George Washington como o fim da guerra⁴³. O hino "Hail to the Chief" continuou a ser tocado com fanfarras e tambores desde então e, em 1954, com o Presidente Truman, tornou-se oficialmente o tributo musical ao Presidente dos U.S.A.⁴⁴

Ao concluir esta reflexão, podemos afirmar que um dos aspectos mais relevantes que, hoje em dia, justifica que continuemos a ler e a investigar Walter Scott é o facto de ele ser responsável por grandes mudanças na forma de pensar, por alterações nas atitudes para com o passado e o presente e, sobretudo, por um novo sentido de comunidade pois as suas obras – como acima mencionado- tiveram um papel relevante no apaziguamento das relações conflituosas entre a Escócia e a Inglaterra.

Terminamos referindo alguns dos inúmeros aspectos do nosso tema que merecem ser mencionados, tais como:

⁴¹ O poema foi representado, em 1 de Janeiro de 1812, em Filadélfia, sendo a composição escrita por Sanderson.

⁴² Então com o título "Wreaths for the Chieftain".

⁴³ Andrew Jackson foi o 1º presidente vivo a ser pessoalmente honrado por "Hail to the Chief," em 9 de Janeiro de 1829. A música foi tocada, entre outras composições, na cerimónia de tomada de posse de Martin Van Buren, em 4 de Março de 1837, e em outras ocasiões sociais durante a sua presidência. Foi a mulher do Presidente John Tyler, Julia Tyler, quem primeiro pediu que "Hail to the Chief" fosse tocado especificamente para anunciar a chegada do Presidente em ocasiões oficiais. Foi também a 1ª Dama, Sarah Childress Polk, depois de ter sido tocado na tomada de posse do marido, James Polk, quem mais contribuiu para tornar o seu uso um ritual em que a banda toca os tambores quando o presidente entra numa sala.

⁴⁴ O Presidente Chester Arthur não gostava da música e pediu a John Philip Sousa, o compositor de ascendência portuguesa, para compor outra e ele escreveu a "Presidential Polonaise", mas, apesar disso, permaneceu a inicialmente escolhida.

- Scott ter sido uma figura de culto no romantismo europeu, que bem merece os monumentos que lhe foram dedicados;
- A sua contribuição para a tomada de consciência de que as influências da poesia vão para além do âmbito literário;
- A sua importância para a redefinição do romance como o principal género literário para representar a vida histórica nacional;
- O seu modo diferente de combinar a história com a ficção;
- O facto de os poemas, romances, dramas, óperas, ballets, gravuras, pinturas e filmes, que a sua obra inspirou, demonstrarem que ele contribuiu para definir novas tendências no gosto e nos modelos de comportamento;
- O papel de Abbotsford no desenvolvimento do interesse pelas antiguidades escocesas, pois as colecções, que ainda hoje lá vemos, contribuíram para estabelecer e consolidar a tradição;
- A consciência de que a paisagem tem influência na literatura assim como as obras literárias tem impacto na cultura⁴⁵.

Muito mais haveria a dizer mas, por todos estes motivos, pode concluir-se que Scott merece a fama que granjeou em todo o mundo e não é desconhecido nem foi esquecido mas continua presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Duncan, Ian, *Scott's Shadow: The Novel in Romantic Edinburgh*, Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2007.
- Hobsbawm, Eric & Terence Ranger, ed. (1983). *The Invention of Tradition*. Cambridge University Press, 1983. (Trad. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984).
- Johnson, Edgar, *Sir Walter Scott: The Great Unknown*, New York: Macmillan, 1970.
- Jones, Catherine, *Literary Memory: Scott's Waverley Novels and the Psychology of Narrative*, London: Associated University Presses, 2003.
- Kelly, Stuart, *Scott-land: The Man Who Invented a Nation*, Edinburgh: Polygon, 2010.
- Lincoln, Andrew, *Walter Scott and Modernity*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

⁴⁵ No âmbito da arquitectura, graças a Scott ter popularizado o período medieval, quando o novo Palácio de Westminster foi construído em 1835, o gótico foi adoptado como "estilo nacional".

- Lumsden, Allison, *Walter Scott and the Limits of Language*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- McCracken-Flesher, Caroline, *Possible Scotlands: Walter Scott and the Story of Tomorrow*, Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Mancini, Michela, *Immaginando 'Ivanhoe' . Romanzi illustrati, balli e opere teatrali dell' Ottocento italiano*, Milano: Mondadori Bruno, 2007.
- Pittock, Murray *The Reception of Sir Walter Scott in Europe*, London: Continuum, 2006.
- Pires, Maria Laura Bettencourt, "The Longevity of Walter Scott in the 21st Century", New York: Peter Lang (entregue para publicação).
- , "Ciclo de Leituras sobre Walter Scott", Fundação das Casas de Alorna e Fronteira, 2013.
- , *Walter Scott e o Romantismo Português*, Lisboa: Universidade Nova, 1979
- Ricoeur, Paul, *Time and Narrative*, Chicago: University of Chicago Press, 1988.

RESUMO

Ao reflectirmos sobre Walter Scott surgem-nos inevitavelmente as perguntas se ele continua presente entre nós, se é o "grande desconhecido" ou se já o esquecemos. Neste artigo, além de fazermos algumas referências à biografia e à recepção da sua obra, focando sobretudo o poema *The Lady of the Lake*, procuraremos responder a essas interrogações conscientes de que as obras permanecem mesmo quando os seus autores há muito desapareceram. O poema narrativo *The Lady of the Lake* foi publicado em 1810 quando o autor estava no topo da sua carreira como poeta. Contém baladas, cantos e romances, e uma oração, que inspirou a Schubert a sua famosa *Ave Maria*. Relata ainda cerimónias fúnebres, uma cena de tiro ao arco, a actividade de um profeta e um sonho. A este aspecto épico, junta-se ainda o elemento essencial do idílio amoroso. Após a nossa investigação, concluímos que a produção literária de Scott não deve ser vista apenas como um vestígio do passado e que não temos e lamentar o desaparecimento do interesse por este escritor pois constatamos que ele continua a existir, mas de forma diferente, e que temos agora uma visão mais complexa que nos faz compreender que ele estava a reagir às mudanças na sociedade e a demonstrar a sua oposição à cultura dominante, temas afinal tão pós-modernos.

ABSTRACT

When we think about Walter Scott there are unavoidable questions, such as if he is still present among us, is "the great unknown" or if we have already forgotten him. In this article, besides some references to his biography and to the reception of

his work, focusing the poem *The Lady of the Lake*, we attempt to answer those queries while being conscious that the works remain even when their authors are gone. The narrative poem *The Lady of the Lake* was published in 1810, when Scott was at the top of his career as a poet. It contains ballads, cantos, romances and a prayer, which inspired the famous *Ave Maria* to Schubert. It reports funereal ceremonies, an archery scene and references to a prophet and to a dream. Besides this epic facet, there is still the essential element of the love idyll. After our reflexion, we concluded that Scott's work should not be seen as a fad from the past and that we need not regret the vanishing of interest for this writer for we determined that he is still with us, but in a different way, and that now we have a more problematizing vision of his work that makes us understand that he was reacting to changes in his society and expressing his opposition to the dominant culture, themes that, after all, are post-modern.